

A busca e o desejo: O Valor da Literatura em *Felicidade Clandestina*

Vagner Vainer Teixeira Braz¹

Resumo: O presente trabalho realiza a interpretação do conto de Clarice Lispector, *Felicidade Clandestina*, visando abordar a relação entre a busca e o desejo, em que podemos realizar o 'juízo de valor'. O campo teórico que norteará nossa leitura é a obra *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum* de Antoine Compagnon (2010), que pelo qual versar o assunto em um capítulo específico, designado "O valor". No conto, teremos uma história de busca e felicidade pela Literatura e ao mesmo tempo mostra a dor, ou seja, destaca-se pela inveja humana, que coloca em cena o drama crucial da sociedade contemporânea, que é representado por indivíduos que não tem o ato de leitura ou o gosto pela a Literatura.

Palavras-chave: Leitura; Clarice Lispector; Felicidade; Desejo; Valor.

Abstract: This paper performs the interpretation of the story of Clarice Lispector, *Clandestine Happiness*, aiming to address the relationship between the search and desire, we can perform the 'value judgment'. The theoretical framework that will guide our reading is the work of the *Devil Theory: Literature and Common Sense* Antoine Compagnon (2010), by which they traverse the subject in a specific chapter, called "value". In the tale, a story we will search for Literature and happiness and at the same time shows the pain, ie, distinguished by human jealousy, which puts into play the crucial drama of contemporary society, which is represented by individuals who do not have the act of reading or a taste for Literature.

Keywords: Reading; Clarice Lispector; Happiness; Desire; Value.

¹ (vagnert11@gmail.com). Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Especialista em Educação de Jovens e Adultos Para a Juventude pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Acadêmico de Mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística – PPGL/UNEMAT. Artigo resultante da Disciplina de Teoria Literária II do Curso de Letras, sob orientação da Profa. Dra. Madalena Aparecida Machado.

Como nos afirma Silva (apud, LAJOLO (1995)), a Literatura não se iguala a um mero jogo, uma brincadeira ou entretenimento para a coletividade. Todavia, é tudo que exprime e leva o ser humano a questionar e refletir a vida, seja pela alegria ou pela dor, na veracidade ou nas esfinges do homem. Ou seja, a Literatura é infinita e imortal como os grandes escritores, os quais produziram e guiaram as emoções, os sentimentos, as dores, as alegrias, em suma, a vida dos homens, assim estão determinadas e assim com o tempo mudará, mas nunca deixará de levar o homem a percorrer a busca pela ‘vida’.

O Valor em *Felicidade Clandestina*

A vida/literatura ou literatura/vida, se assim podemos chamar, leva o ser humano ao estado da dor à alegria, e vice-versa, mostrando que temos a possibilidade de viajar sem sequer sair um centímetro do lugar. Quando falamos de viagem, referimo-nos ao ato de leitura que fazemos de uma obra literária, a qual nos remete a pensar/questionar/interpretar e o mais importante é vislumbrar a vida que é Literatura.

No entanto, precisamos redobrar nossa atenção para as questões voltadas para o valor do conto, ou seja, há na Literatura uma conexão significativa que ao mesmo tempo nos possibilita a interpretação voltada para o julgamento de valor. A respeito disso Antoine Compagnon (2010) nos alega que o valor pesa seus adversários, em que está sujeito a uma reação subjetiva, como, “cada obra é única, cada indivíduo reage a ela em função de sua personalidade incomparável” (COMPAGNON, 2010, p. 222). Deste modo, podemos depreender que o valor que se apresenta em uma obra de arte está ligado ao ato de valorização empregada pelo ponto de vista da leitura, feita pelos leitores. Assim ocorre um processo de julgamento de valores, em que uma pessoa proclama uma determinada obra como ‘boa’, contudo, outra como ‘ruim’. Porém, Compagnon (2010), no início do seu escrito “O valor”, demonstra que a camada leitora aguarda expectativas proferidas pelos profissionais da literatura, para que falem quais são os textos bons e os maus, no qual se apartem o “joio do trigo, fixem o cânone” (COMPAGNON, 2010, p. 221).

Entretanto, podemos pensar da seguinte forma, para uma obra ter valor ela não precisa de críticas para que os leitores saibam o que é bom ou ruim, mas de pessoas que gostem de viajar e viver um mundo totalmente desconhecido, no qual busquem preencher as lacunas que um romance, um conto, um poema que nos oferecem e ao mesmo tempo o próprio autor nos demonstra que sua obra tem valor e que sempre será valorizada, de certa forma pelas lacunas

preenchidas por nós leitores, aqui agora e no futuro. Como é o caso de William Shakespeare, que em seu soneto XVIII, ele próprio mostra para nós leitores que enquanto um ser humano existir, seu poema existirá, vejamos:

Se te comparo a um dia de verão
És por certo mais belo e mais ameno
O vento espalha as folhas pelo chão
E o tempo do verão é bem pequeno.

Às vezes brilha o Sol em demasia
Outras vezes desmaia com frieza;
O que é belo declina num só dia,
Na terna mutação da natureza.

Mas em ti o verão será eterno,
E a beleza que tens não perderás;
Nem chegarás da morte ao triste inverno:

Nestas linhas com o tempo crescerás.
E enquanto nesta terra houver um ser,
Meus versos vivos te farão viver.

Os critérios para julgar esteticamente uma obra literária variam com o tempo. Nem sempre um texto que é prestigiado numa época será prestigiado para sempre. Esses textos que são eleitos como textos bons, melhores, etc., formam um conjunto de textos ao qual damos o nome de cânone literário. Mas o cânone muda com o passar dos séculos. Contudo, existem textos que nunca foram esquecidos e que estão sempre no cânone. Por exemplo, Homero nunca deixou de ser lido e prestigiado. Há outros autores assim, como Virgílio, Dante, Shakespeare, etc. Compagnon (2010), define que o tema valor, está lado a lado da questão da subjetividade do julgamento, que por sua vez comporta o cânone e os clássicos. E em grego o “cânone era uma regra, um modelo, uma norma representada por uma obra a ser imitada” e na igreja o cânone foi uma “lista, mais ou menos longa, dos livros reconhecidos como inspirados e dignos de autoridade” (COMPAGNON, 2010, p. 222).

Por que eles são canônicos? Porque as épocas os julgaram e os elegeram como melhores, e nesse julgamento, necessariamente, existem critérios de atribuição de valor. Esses critérios querem dar conta do objeto estético, mas há fatores que são externos ao texto nessa atribuição. Se Édipo Rei é um texto universal, é porque ali há algo que nos fala diretamente em nossa humanidade, na essência do que seja humano. Segundo Eagleton (2003), afirma que

nunca existiu uma única obra literária que tenha valor em si, mas sim um valor transitivo, como:

Não existe uma obra ou uma tradição literária que seja valiosa *em si*, a despeito do que se tenha dito, ou se venha a dizer, sobre isso. “Valor” é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e a luz de determinados objetivos. Assim, é possível que, ocorrendo uma transformação bastante profunda em nossa história, possamos no futuro produzir uma sociedade incapaz de atribuir qualquer valor a Shakespeare. (EAGLETON, 2003, p. 16)

Portanto, se em alguma época não fizer mais sentido aquelas questões que são enfrentadas pela personagem, se a peça deixar de significar alguma coisa no futuro, certamente ela será deixada de lado. Assim, deixará de ser canônica. E, como aponta Eagleton (2003), se ocorrer uma mudança “bastante profunda” no mundo em que vivemos, pode ser que algum dia as sociedades futuras deixem de atribuir valor a Shakespeare ou a qualquer outro autor (obra literária).

No caso do soneto de Shakespeare, podemos dizer que é improvável que deixem de se interessar e de compreender o amor que o poeta sente. Portanto, os versos dele serão para sempre vivos, valorizados por seus leitores.

Em relação ao leitor, Terry Eagleton (2003), nos garante que é o leitor que constitui posições subentendidas, em que completa as brechas que são encontradas nas obras e sem essa participação ativa a obra literária não existiria, ou seja, é o leitor que movimenta e concretiza a literatura.

O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições – e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular. O texto, em si, realmente não passa de uma série de “dicas” para o leitor, convites para que ele dê sentido a um trecho de linguagem. [...] o leitor “concretiza” a obra literária, que em si mesma não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página. Sem essa constante participação ativa do leitor, não haveria obra literária. (EAGLETON, 2003, p. 105)

Eagleton (2003), descreve implicitamente que o papel do leitor é de interpretar e preencher lacunas que a Literatura nos leva abarcar a verdadeira essência da vida: valorizar o que se busca e conhecer o que é ser humano. No conto “Felicidade Clandestina”, a autora nos mostra uma estrada, onde passemos a buscar uma felicidade, mesmo que sofremos, não

desesperemos nunca. Como é o caso da menina pobre, que não tinha dinheiro para comprar livros, mas tinha o que nenhum outro tinha que é o desejo de viver e buscar a Literatura, e inclusive “o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam” (LISPECTOR, 1998, p. 10). Este conceito criado pelo conto pode ser observado nesta citação um pensamento de alegria, em que a menina acredita na veracidade e na concretização do encontro com a felicidade, que é o livro, ou seja, a Literatura; e esse encontro só é possível graças ao escritor e o leitor, pois, um sem o outro não existiria vida/literatura. Deste modo, a obra literária é um elemento coletivo e para que ela viva é “preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social” (SILVA (apud, LAJOLO (1995, p. 16)).

Segundo Bakhtin (2003, p. 203) a obra de arte ou a Literatura é “um acontecimento artístico vivo, significante, no acontecimento único da existência”, e não qualquer acontecimento, um elemento cognitivo simplesmente “teórico, carente de um caráter de acontecimento significante e de um peso de valores” (BAKHTIN, 1997, p. 203). Na narrativa de Clarice, esse mesmo entendimento pode-se observar um acontecimento vivo e único na existência vivida pela narradora-personagem, como um recurso que nos recomenda em “Felicidade Clandestina”, o ato de ler. Mesmo adiando o encontro com o tão almejado "livro", que é alegria clandestina na imagem do livro, a autora determina essa espera criando a possibilidade de torná-la invisível/clandestina.

A prova é o término de uma teoria, uma ponderação comparativa que se transforma em um desabafo; “Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada” (LISPECTOR, 1998, p. 12). Desta forma, o conto nos apresenta um caminho, em que ocorrem as imagináveis alegrias e num passar de tempo faz do passado o destino presente. “Às vezes sentava - me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

Assim sendo, percebemos que o valor pode ser representado pela imagem da pequena menina, que busca e se lança à procura de uma alegria, porém ao mesmo tempo esta alegria se apresenta distante. Também, podemos compreender que a persistência da menina transmite a nós leitores um valor de que o escrito clariceano é bom. Fazendo com que busquemos valorizar mais a literatura, porque esta não comunica insignificância, ela simplesmente “Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um”, e têm como característica a forma que “ao mesmo tempo que cria,

aponta para o provisório da criação” (AGUIAR E SILVA (apud, LAJOLO (1995, p. 7)). No conto isso é visto pelo ponto de vista que se vive a felicidade.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal* / Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum* / Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010
- GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: Uma Vida que se Conta*. São Paulo: Editora Ática, 1995
- LAJOLO, Marisa. *O Que é Literatura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995
- LISPECTOR, Clarice. “Felicidade Clandestina”. In: *Felicidade Clandestina: Contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- MOISÉS, Massaud. “O Conto”. In: *A Criação Literária: Prosa I*. São Paulo: Cultrix, 1997
- REUTER, Yves. *Introdução À Análise do Romance* / Trad. Angela Bergamini [et al.]. São Paulo: Martins Fontes, 1995
- SAMUEL, Rogel (Org.). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 2001

